



Federação
dos Sindicatos
de Metalúrgicos
da CUT/SP

Projeto Latino Americano
Curso de Formação Contínua
“Os Trabalhadores e a ALCA”

Relatório do Terceiro Seminário

São Bernardo do Campo, 11 e 12 de abril de 2003

TIE-Brasil
2003

Apresentação

Este “**Relatório do Terceiro Seminário**” é a compilação das palestras, discussões e trabalhos em grupo ocorridos durante o Terceiro Seminário do Curso de Formação Contínua “**Os Trabalhadores e a ALCA**” realizado na cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo, nos dias 11 e 12 de abril de 2003.

Mesmo que nem todas as opiniões aqui publicadas **representem** necessariamente **a opinião** de **TIE** – Transnationals Information Exchange e **FEM-CUT** – Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos da CUT, ajudam no cumprimento de objetivos maiores da parceria de TIE com os sindicatos brasileiros, ou seja, trocar informações e experiências entre trabalhadores de base, estudar estratégias empresariais e sindicais e criar alternativas de desenvolvimento que atendam aos interesses da classe trabalhadora.

Através deste registro esperamos estar contribuindo com o processo de democratização e o aprofundamento do debate sobre ALCA entre os trabalhadores e sindicalistas de base.

Acreditamos que este “Relatório...” e o Curso de Formação Contínua “Os Trabalhadores e a ALCA” só cumprirão seu papel se atingirem quantidade crescente de trabalhadores de base e sindicalistas das mais diversas regiões.

Portanto, não deixe este relatório mofando dentro de uma gaveta. Leia-o, divulgue-o, faça cópias, pois ele foi publicado para ser distribuído e debatido entre os trabalhadores. ☺

Gostaríamos aqui de deixar nossos sinceros agradecimentos às companheiras Paixão (FEM/CUT) e Rosi, pelas anotações feitas durante o seminário, sem as quais este relatório não seria possível, e ao companheiro Adílson por registrar a memória deste seminário em vídeo.

TIE-Brasil

OS TRABALHADORES E A ALCA

A Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo da CUT (FEM/SP/CUT) e TIE-Brasil realizaram nos dias 11 e 12 de abril de 2003 o 3o. Seminário do Curso de Formação Contínua sobre ALCA. O mesmo ocorreu em São Bernardo do Campo, no Centro de Formação "Celso Daniel" do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

1º Dia - Sexta 11.04.2003

Abertura

Sérgio Luis Bertoni, de TIE-Brasil, saudou todos os presentes e referiu-se a importância dos vários temas a serem abordados e debatidos ao longo do Seminário. A seguir, apresentou o material que seria utilizado durante os trabalhos, o qual foi discutido com todos os participantes.

História e Trajetória de TIE

Sérginho (TIE-Brasil), a pedido dos presentes, fez uma ampla exposição sobre a história e trajetória de TIE, no mundo e no Brasil, assim como a construção e desenvolvimento do Projeto Latinoamericano.

- **1978** TIE (Transnational Information Exchange ou Troca de Informações sobre Empresas Transnacionais) é fundado na condição de **rede** de troca de informações sobre empresas transnacionais em resultado de uma Conferência Internacional destinada a discutir o avanço das empresas transnacionais no mundo e suas consequências para o mundo do trabalho. Esta conferência foi promovida pelo Conselho Mundial de Igrejas e realizou-se na cidade de Nairobi, Quênia, contando com a participação de técnicos, especialistas e sindicalistas, principalmente da Europa.
- **1981** Passa a ser uma **organização** independente com sede em Amsterdam
- **1983** Estabelece contatos com sindicatos brasileiros
- **1986** Abre seu escritório no Brasil, em São Paulo, o primeiro fora da Europa e o segundo no mundo
O TIE inicia seus trabalhos no Brasil particularmente com a indústria automobilística que, durante o percurso e mudança de coordenadores, teve seu enfoque mudado para a indústria da alimentação;
- **1990** Ano da expansão descontrolada. São abertos os escritórios da Alemanha, Ásia, Estados Unidos e Rússia
Sérginho (TIE-Brasil) inicia seus trabalhos no TIE – Moscou
- **1997** Redefinição da estratégia e política de TIE mundial
No Brasil retoma-se a discussão sobre indústria automobilística e decide-se por abrir um escritório em Curitiba para dar continuidade aos trabalhos. O Escritório de São Paulo é fechado.
- **1998** Abertura do escritório no sul dos Estados Unidos

- **1999** Inicia-se o processo de criação de TIE-UK que se transformaria mais tarde em Black Workers for Justice of Europe (Trabalhadores Negros pela Justiça na Europa)
Iniciam-se as articulações e negociações visando o estabelecimento do projeto Latinoamericano
Se reestabelece e se intensificam os contatos com Taller de Estudios Laborales - TEL-Argentina
- **2001** TIE-Chile é fundado, contando com o apoio de TIE-Brasil e TIE-Amsterdam.
- **2002** Inicia-se o Projeto Latinoamericano reunindo pela primeira vez em um mesmo projeto de TIE ativistas, sindicalistas e trabalhadores da Argentina, Brasil, Chile, Estados Unidos, México e Uruguai

O TIE Brasil conta com 2 colaboradores – Minolfi e Sérgio. Tem como função principal estimular o debate sobre as novas estratégias sindicais e empresariais, promover a troca de informações e experiências entre trabalhadores e sindicalistas de base e ajudar os trabalhadores de fábrica na socialização das discussões.

A discussão do tema "ALCA" foi proposta pela FEM e o TIE encarregou-se de elaborar um projeto de formação contínua, o qual foi submetido a apreciação dos companheiros metalúrgicos que o aprovaram e agora o implantamos.

O Curso de Formação Contínua CFC "Os Trabalhadores e a ALCA" foi pensado inicialmente para um grupo fixo de 10 pessoas, mas devido a importância e abrangência do tema e para não ficarmos presos a uma só região decidiu-se que os seminários deveriam acontecer em várias regiões do Estado de São Paulo fazendo com que o tema "circulasse" pelo estado e passou a contar com no mínimo 20 participantes: um grupo fixo de 10 pessoas e mais um grupo de 10 pessoas volantes da região onde o seminário se realiza.

Os programas dos seminários do CFC são bastante flexíveis para que haja bastante tempo para discussão entre os participantes. Estes ainda devem realizar atividades fora do seminário com o objetivo de socializar as discussões aqui realizadas e possibilitar o envolvimento de mais e mais pessoas na discussão da ALCA, num verdadeiro processo multiplicador.

É preciso deixar claro que em uma atividade como estas os organizadores não devem falar. São os participantes é que devem falar e discutir os temas propostos.

Apresentação da tarefa de casa

Sérginho (TIE-Brasil) pediu para que os participantes escolhessem, no grupo, dois companheiros para coordenar a apresentação da tarefa de casa. Para essa finalidade, foram indicados Daniel Bispo Calazans (Scania/ABC) e Paulão (Ford/ABC).

O companheiro Paulão (Ford/ABC) disse que no último Seminário em Baurú/SP decidiu-se elaborar um questionário para que o mesmo fosse levado até o chão-de-fábrica no sentido de gerar um debate com os próprios Trabalhadores de Base sobre a compreensão que os mesmos tem com relação à ALCA. A idéia dessa ação foi a de gerar visibilidade dentro da fábrica sobre a Área de Livre Comércio e nesse sentido travou-se um amplo debate com a companheirada, registrando o momento com lista de presença e fotos.

Paulão (Ford/ABC) afirmou que sentiu que as companheiras e companheiros na fábrica tem dificuldade ainda em entender o assunto.

Disse também que o tema não foi aprofundado ainda mais porque o objetivo do questionário era identificar que tipo de compreensão eles tem em relação à ALCA.

Calazans (Scania/ABC) - Primeiro procurou-se o público alvo. Passamos a pergunta para os nossos dirigentes e verificamos o grau de conhecimento que eles tem sobre a ALCA. Verificamos o resultado de acordo com seu grau de escolaridade. Como estamos

dando um curso sobre cidadania, envolvemos também esses alunos na discussão. Nesse sentido, decidimos problematizar o assunto da exclusão social no contexto ALCA. Vários alunos tiveram uma participação maior, colocando sua compreensão sobre o tema. Com relação à tarefa de casa, a idéia foi a de levantarmos o grau de conhecimento do assunto por parte da companheirada no chão-de-fábrica e a partir dessa constatação problematizar esse ponto. Nesse sentido, fizemos um questionário mais simples e percebemos que quanto maior o grau de escolaridade menos o grau de entendimento e quanto menor o grau de escolaridade maior o grau de entendimento.

Paulão (Ford/ABC)- A dificuldade que encontramos para devolver o questionário para o TIE ocorreu devido à demora em receber os mesmos de volta, já que os Trabalhadores demoraram em retornar o trabalho.

Sérginho (TIE-Brasil) - Quantos seminários ou reuniões fizeram?

Calazans (Scania/ABC) - Relizou-se cinco encontros na região. Temos no ABC a facilidade de reunir as pessoas. Essa facilidade se deve a que no ABC contamos com Organização no Local de Trabalho (OLT). Geramos esse debate todo sobre a ALCA tendo como objetivo estratégico claro formar e organizar a sociedade. O material produzido poderá ser distribuído pelo pessoal. Seria interessante desenvolver uma apostila que contivesse a discussão e o debate ocorridos duante esses encontros. Nesse sentido, TIE-Brasil vem desenvolvendo um papel importantíssimo, não só através do Curso de Formação Contínua sobre ALCA, como também pelos subsídios que nos proporciona com a brochura sobre a ALCA, elaborada pelo próprio TIE-Brasil. O importante é o material que estamos recebendo do TIE que nos deixa muito bem informado o que nos dá condições de debater o assunto na reunião da diretoria.

Terto (Sorocaba) - Em Sorocaba tivemos dificuldade em fazer o trabalho. Os companheiros que participaram iriam juntar 10 pessoas. Marcamos a data e não apareceu ninguém. O questionário distribuído não foi devolvido.

Surgiu um pouco de estímulo das associações de bairro em querer fazer discussão mas o sindicato acredita que tinha que priorizar a fábrica

Erick (Volks/São Carlos) - Não conseguimos discutir na fábrica toda. Foi discutido na Comissão de fábrica. O que busquei foi tentar levantar dados sobre o nível de entendimento das pessoas sobre a ALCA. Realizamos um questionário simples com 2 perguntas dissertativas. Não conseguimos compilar e fazer relatório. Resultado: as pessoas sabem do que se trata. Pretendemos fazer relatório e colocar nos quadros o resultado da pesquisa.

Quando perguntamos qual seria o país interessado com o acordo sobre ALCA, 100% respondeu que era os EUA. Boa parte é contra: perda de cidadania, etc. Não foi feita uma discussão mais específica por conta da falta de tempo. Objetivo imediato é buscar discutir com as pessoas no chão-de-fábrica.

Em Salto - Foi feito um trabalho com um grupo de pessoas, tentando medir o grau de conhecimento da companheirada. A maior parte dos Trabalhadores de Base está totalmente por fora. As mulheres estão alheias às discussões.

Bauru - Subsede da CUT da região tem um Comitê contra a ALCA. O trabalho vem sendo feito com a sociedade. De 5 a 12/04 ocorreu uma coleta de assinaturas para entrega ao governo de documento dizendo que somos contra a ALCA . A coleta de assinaturas nos calçadões e nas fábricas. O envolvimento das pessoas é bom. Elas procuram saber o que é a ALCA e por que estamos coletando assinaturas.

Itanael (Tudor/Bauru) - Adificuldade que encontramos foi a de conseguir que o diretor de base entendesse a discussão, que vem rolando sobre a ALCA. Os documentos que recebemos são um tanto complexos em relação as dificuldades de entendimento da categoria. Gostaria que se fizesse um documento que abranja esta categoria menos esclarecida. Um documento com dizeres mais claros, mais diretos que permita que os Trabalhadores possam entender com facilidade o assunto e que as informações sejam mais diretas e menos complicadas.

Sérgio (Volks/ABC) - Este Comitê, organizado por Bauru, é de sindicatos da CUT?

Paulinho (Bauru)- É da articulação, do PSTU, enfim, das correntes da CUT.

Jacaré (Pinda) - Informe-me à direção do meu Sindicato sobre a discussão que aconteceu no último seminário que realizamos em Bauru/SP. Nesse sentido, tive dificuldades para efetuar o trabalho porque não sou liberado. Não tenho as mesmas facilidades que vocês tem aqui no ABC. Na direção, os companheiros quiseram maiores informações no sentido de poder entender por que há gente contra e a favor no movimento. O PSTU sempre diz não. Acreditamos que temos que conhecer os fatos para depois nos posicionar. Estamos repassando todos os documentos que o TIE está enviando, para os Trabalhadores. Não fizemos discussão em assembléia por conta das tensões que existem com relação ao próximo Congresso da CUT. Algumas das dificuldades que enfrentamos no dia-a-dia são, por exemplo, o relacionamento que mantemos com a empresa, que não nos permite efetuar com facilidade o trabalho no chão-de-fábrica, e também o fato de termos o PSTU do lado. Depois que passar este período, iremos fazer uma discussão mais aprofundada nas fábricas. Está complicado em Taubaté. Fernando trabalha à noite.

Sérgio (Volks/ABC) - Queria perguntar para as pessoas que representam outros sindicatos no estado que tipo de conversa estão tendo? Estão desenvolvendo alguma tese para que cresça como forma de negociação? Tem proposta enquanto entidade para estar apresentando ao governo?

Calazans (Scania/ABC) - Temos que problematizar a estrutura sindical do país e a liberdade e autonomia. Dentro destes processos, o Trabalhador sente a necessidade de ser sócio para fortalecer o seu sindicato. Com relação às leis trabalhistas, o governo FHC quis flexibilizar a CLT. Se a gente pegar as leis desde 1943 e mostrar para os Trabalhadores o que é importante e o que não, podemos avançar no trabalho de base. Posso chamar qualquer reunião e falar da ALCA. Não é preciso ter um tema específico. Estar no chão-de-fábrica é poder relacionar todas as questões internas com a ALCA. Podemos começar com uma discussão que interessa ao trabalhador e inserir a discussão da ALCA na mesma.

Paulão (Ford/ABC)- O objetivo é a construção coletiva. Na Europa não ocorre a subordinação do estado como no Brasil. Na União Européia eles tem um grande poder para se contrapor.

Jacaré (Pinda) - Documentos dizem que é melhor fazermos um acordo com a União Européia do que com a ALCA.

Paulão (Ford/ABC)- Do ponto de vista da ALCA, o que estamos fazendo é aproveitar as oportunidades para discutir o assunto em qualquer lugar. O Comitê de Bauru já tem uma posição contrária à ALCA. Será que esse comitê muda de opinião no aprofundamento do debate?

Sérginho (TIE-Brasil) - O que me preocupa nesta discussão toda é se somos contra porque sabemos do que estamos falando ou porque não sabemos? Temos que chegar a

uma conclusão baseados em fatos concretos, em argumentos sólidos e não, simplesmente, porque nosso discurso tem que ser diferente. Temos que aprofundar o debate ao extremo para que possamos chegar em conclusões fundamentadas.

Lula disse recentemente que temos que empurrar o governo porque a máquina é muito grande. No caso da ALCA é igual: temos que a participar do processo, ocupar espaços, encontrar aliados, definir setores estratégicos, defender nossas posições e interesses, pressionar os demais setores, etc.

Sérgio (Volks/ABC) - A mudança de legislação trará qual tipo de problemas? Fiz a pergunta anterior porque temos que mostrar para a sociedade que estamos produzindo alguma coisa. Temos que discutir e não apenas ser contra.

Erick (Volks/São Carlos) - Na discussão realizada em Sorocaba os grupos de trabalho colocaram suas posições, afirmando que da forma em que se está colocando a discussão não pode ser. Este grupo já estava apontando para alguma coisa. Temos que aprofundar isso para podermos nos posicionar se somos a favor ou não.

Marcos (Volks/ABC) - Temos que discutir em todos os lugares. A ALCA não se resume só aos metalúrgicos. Temos que abrir a discussão para outros públicos. Só pensamos no lado profissional, mas também tem a situação cultural. Quais países estão fazendo trabalhos iguais a este e quais os resultados? Os documentos têm que ser mais diretos.

Calazans (Scania/ABC) - Não me vejo dentro do governo tendo que dizer não a uma área de livre comércio. Temos que dizer não aos produtos deles aqui. Tento trabalhar o impacto do imperialismo, de imposição, de não respeito à cidadania. Tento trabalhar a minha revolta e buscar nela a condição de ator social também desta discussão. Não sou só dirigente sindical, sou também cidadão e tenho o compromisso de dizer o que penso. Para isto, temos que estar bem fundamentados e bem preparados. Temos que respeitar as posições das pessoas com quem conversamos. Temos que ter diálogo.

Minolfi (TIE-Brasil) - Eduardo Galeano, escritor uruguaio, disse certa vez que só os Estados Unidos têm projeto estratégico para América Latina. Não podemos confundir o tático com o estratégico. A preocupação com o assunto da ALCA é que a gente tire uma proposta. Precisamos entender que nesse sentido estamos bastante atrasados. Temos que aprofundar a discussão porque quem tem que fazer o debate com a base são vocês, dirigentes sindicais.

Forró - Temos dificuldade em entender o que é a ALCA, mas sabemos que tem alguma coisa relacionada com a redução do nosso mercado. Se os EUA entrarem com os seus produtos aqui, as nossas empresas vão começar a ter dificuldade e a situação vai se agravar para o lado dos Trabalhadores. Não sei como podemos fazer alguma coisa para breçar. Temos que discutir, porque não vamos dizer não, mas também não vamos dizer sim; temos que conhecer. Temos que ter algum documento mais claro sobre o tema para que possamos entender. O importante é ter este engajamento, essa troca de informação, para podermos passar pra frente e não ter que aceitar "güela abaixo".

Claudecir (Volks/ABC) - Disse não à ALCA porque, na época, não entendia direito o assunto e também porque não confiava nas pessoas que estavam à frente do processo. Hoje quem está à frente deste país tem uma outra forma de governar. Fico pensando o que mudou de antes para agora. Como é a população está vendo hoje para dizer sim ou não? Qual é o papel do Sindicato e qual é o meu? O meu papel é buscar o conhecimento e conscientizar os demais para podermos dizer sim ou não, conscientes.

Sérginho (TIE-Brasil) - O pessoal de São Carlos preparou um questionário próprio colocando o tema levantado pelo companheiro Marcos (Volks/ABC). Realmente a discussão não é exclusiva dos metalúrgicos. A diferença é que nos últimos 30 anos quem tem tomado frente aos acontecimentos são os metalúrgicos. A própria discussão dos companheiros do ABC no trabalho de casa já diz: aproveitaram todos os espaços para discutir ALCA. Não tem padrão para fazer a discussão, mas a criatividade é muito importante.

Os EUA querem manter seu mercado fechado principalmente nos setores onde são capengas e não são produtivos.

Se recordarmos o discurso dominante dos últimos anos, notaremos que sempre falaram para gente que com a abertura do mercado seríamos o 1º mundo e só tivemos aumento da pobreza. Nossa moeda caiu e não conseguimos exportar. Não conseguimos passar isso para nossa companheirada. Temos um governo que quer mudar o foco da discussão, tirar o enfoque do mercado, da simples integração comercial. Os gringos querem controlar o nosso país. Temos que ter um projeto, não apenas no plano teórico, que não deixe isto acontecer.

Quanto a facilidade ou não para entender um texto devemos observar que a questão não é somente de escolaridade, a questão é política. O texto poder ser fácil, mas se o cara não tiver certos conceitos ele não entenderá.

Nos dias 10 e 11/04, em Buenos Aires, está sendo realizado o seminário: "Resistência a ALCA, a guerra. Unidade na América Latina e Caribe". Este Seminário é importante porque demonstra que até final de 2002 esta discussão sobre a ALCA estava muito restrita ao cenário brasileiro e agora já está em debate em outros países.

Nós estávamos atrasados e hoje, temos condições de entrar na discussão, porque é objetivo do governo em abrir para a sociedade. Por exemplo: nesta semana de 07 a 11 de abril o Comitê de Negociações Comerciais da ALCA - está reunido em Puelba no México. A bancada brasileira levou para discussão a determinação do presidente Lula para que fosse mudada a cláusula do acordo, que estabeleceu as negociações da ALCA, que garante a confidencialidade das propostas comerciais apresentadas. Esta regra impede que os governos divulguem a sociedade civil as propostas feitas pelos demais países. Daí a importância de se quebrar esta regra para que o governo e a sociedade civil brasileiros possam discutir tudo abertamente.

Acho que o plebiscito oficial deve acontecer. Temos que estar preparado para isso.

Paulão (Ford/ABC)- Temos a tendência de acreditar que somos menos do que podemos ser. Discordo do Minolfi sobre não temos projeto. Tínhamos projeto há 20 anos atrás. O companheiro Lula está nos chamando para discutirmos o projeto. Não temos padrão, mas já temos um perfil do que vai ser construído. Não podemos ter pressa.

Antenor (Dana/ABC) - Levamos a discussão para a fábrica, mas não aprofundamos a mesma. A minha pergunta já foi respondida pelo companheiro Sérgio (TIE-Brasil) sobre se mudou alguma coisa em relação à ALCA.

Período da tarde

Os companheiros Terto (Sorocaba) e Erick (Volks/São Carlos) foram indicados para coordenar a mesa até a hora do café.

Sérginho (TIE-Brasil) - Gostaria de saber quantas pessoas foram atingidas com a realização a tarefa de casa?

Calazans (Scania/ABC) - Umas 600 pessoas no geral, já que realizamos encontros nas regionais e outras atividades. Especificamente atingimos umas 200.

Sorocaba - Cinquenta pessoas, incluindo a Diretoria Plena.

São Carlos -100 pessoas

Pindamonhangaba - 30 pessoas no específico.

Taubaté - 30 a 40 pessoas.

Itu - Comunidade de bairro: 150 a 200 pessoas.

Bauru - As assinaturas recolhidas através do trabalho desenvolvido pela CUT Regional foram 2.000. Incluindo outras pessoas, atingiu-se cerca de 3.000. O objetivo é mostrar que é muito fácil fazer este trabalho. É só ter disposição.

Calazans (Scania/ABC) - Muitos companheiros colocaram os seus e-mails para receber informações. Temos que discutir uma forma de socializar as discussões.

Erick (Volks/São Carlos) - É importante abrir mais um bloco de discussão para limpar todas as questões sobre o trabalho de casa. O pessoal está pedindo para que quando for enviado o convite para o próximo seminário, o mesmo viesse com o resumo do seminário anterior.

Sérginho (TIE-Brasil)- Conseguimos nos organizar e trazer para este seminário o relatório do seminário anterior. Já para o próximo enviaremos o relatório deste seminário ou por e-mail ou por correio.

Erick (Volks/São Carlos) - O importante do envolvimento das pessoas é que estas vão multiplicar o assunto. O alcance desta discussão será muito mais amplo do que imaginamos.

Marcos (Volks/ABC) - Em termos de Brasil, existe algum projeto para estarmos convidando outros sindicatos para participar?

Erick (Volks/São Carlos) - Este é um projeto da FEM/SP e de TIE-Brasil. No primeiro evento, em Ribeirão Pires/SP, teve um pessoal da Bahia e do Rio Grande do Sul.

Sérginho (TIE-Brasil)- Dentro da CUT existe a discussão. Houve um período em que toda semana se realizava uma reunião sobre a ALCA. Só que a discussão não desce. Em relação a outros estados o que fizemos foi trazer o pessoal da Bahia e alimentação do RS para o Primeiro Seminário para que eles pudessem reproduzir o debate em seus estados. E foram realizados seminários com os alunos do projeto Integrar no Rio Grande do Sul e um seminário na região da Bahia com os funcionários públicos federais e trabalhadores na indústria de Transformação do Cacau onde se falou sobre ALCA e da iniciativa de TIE e da FEM.

Outro fato é que os metalúrgicos estão sempre na frente. Metalúrgicos fazem depois vai ver o que fez.

A idéia é fazer com que esta discussão cresça.

Seria muito importante se a Central e as suas Confederações e Federações jogassem mais peso na discussão.

Minolfi (TIE-Brasil) - Minha preocupação é que possamos sair destes seminários entendendo o que é a ALCA e também com capacidade para efetuar o debate e a discussão a nível de sociedade. Não podemos cair no discurso que a ALCA é apenas uma questão comercial. É muito maior do que apenas isso. Não entender a questão política é entrar na

lógica proposta pelos Estados Unidos. Por isso, temos que ligar esta discussão toda com um projeto maior, que é o modelo de desenvolvimento que queremos para o Brasil.

Sérginho (TIE-Brasil)- De forma geral a questão é que tipo de integração se faz necessária e para que?

Vimos algumas coisas nas respostas do questionário que nos deixaram preocupados: será que as perguntas foram mal formuladas ou o pessoal não entendeu do que se tratava, ou ainda o pessoal não entendeu do que se tratava porque a pergunta estava mal formulada? A resposta mais preocupante foi a que falou da integração dos centros de formação da Central; outros disseram sobre uma interação que atenda aos interesses dos povos.

Vamos tentar aproveitar este tempo que temos para aprofundar o debate sobre esta questão?

Terto (Sorocaba) - A integração deverá ser para discutir qual é a proposta que nós temos.

Paulinho (Bauru)- É questão de entendimento. Temos pouco conhecimento real sobre o que é a ALCA. As perguntas atingem um público e não um grande número.

Paulão (Ford/ABC) - A idéia do trabalho de casa é identificar o nível de conhecimento das pessoas. Para quem tem certo acúmulo, a idéia de integração é buscar alternativas para o que nós queremos. Temos que ver de que forma estaremos atuando em relação ao nosso governo. Vamos agir enquanto um movimento sindical ou enquanto um governo? Nós estamos na disputa e temos que fazer o tensionamento político. O Brasil tem interesse em participar. Temos que discutir a forma.

Erick (Volks/São Carlos) - O grande problema do nosso país é a distribuição de renda. A ALCA resolve este problema? Será que teremos que fazer uma discussão no sentido de entender se do ponto de vista comercial é interessante? Por melhor que seja a discussão, isso ajuda a resolver o nosso problema?

Calazans (Scania/ABC) (Scania/ABC) - Temos que discutir se o país tem ou não condições de competitividade. Não tem. Está muito fragmentado. Temos que buscar o fortalecimento, a sustentação de base e , então, fazermos o acordo. Neste momento estamos apenas discutindo comércio? Sim. Sobre a integração, tem que se buscar o adiamento desta discussão para podermos nos organizar.

Maurício Minolfi (TIE - Brasil) - A questão de fundo na discussão é como a gente faz para se contrapor à colonização.

Sérginho (TIE-Brasil) - Seria simplório analisarmos a questão sob a forma comercial. Tem que ficar claro que o que está envolvido não é a questão das barreiras e sim o aspecto cultural e de soberania.

Terto (Sorocaba) - Está ficando legal porque está ficando claro o tipo de e integração que nós queremos. Tem que ficar claro que o outro lado é poderoso, que precisamos investir no nosso bloco do Mercosul.. Se fizermos a discussão apenas na área de livre comércio estamos ferrados. Tem que ser área de livre comércio e social. A primeira coisa é ver os movimentos da América Latina para ver como vai ficar o bloco do Mercosul e verificar as barreiras.

Sérginho (TIE-Brasil)- Será que o Brasil precisa ser soberano? Pra que serve esta soberania?

Gilberto (DaimlerChrysler/ABC) - O Brasil vai ter que escolher um padrão de vídeo digital. Tem padrão europeu e japonês. Agora está vindo o padrão chinês. Se o Brasil adota o padrão de vídeo chinês vamos ter condições de entrar amanhã na ALCA?

Danielle (DaimlerChrysler/ABC) - A soberania é mais para ter autonomia. Quando assinarmos a ALCA vamos ter que lidar com o padrão americano.

Forró - Questão: Integrar para quê? Na verdade já somos dependentes do capital externo que sacrifica as condições do povo brasileiro. A partir do momento que formos aceitar o jeito que esta sendo imposto pelos americanos não é bom entrarmos. Temos que pensar um pouco. O EUA têm que entender que os brasileiros estão aos poucos tomando consciência. Eles têm que perceber que se eles querem impor os produtos deles então não é livre para nós, é livre para eles. Temos que dar mais tempo para aprofundar a questão.

Pedrinho (Ford/ABC) - Por conta da guerra, a economia e o desemprego caíram. O objetivo deles com a guerra é aumentar o nível de emprego.

Barba (Ford/ABC) - Qual é a intenção que tem por traz da formação de uma área de livre comércio?. Formação de blocos econômicos. Se olharmos lá atrás já era a formação da Comunidade Européia. Com a formação da Comunidade Européia os EUA perderam um mercado consumidor de dólar e precisam garantir, em parte, que o dólar continue a ser uma moeda de troca internacional. É uma das coisas que está por trás. Ainda tem a criação de outros blocos. Os Trabalhadores participaram da construção do Mercosul ? Na questão da ALCA tivemos alguns governos que não deixaram que participássemos. Agora temos o governo do Lula, que pretende que os Trabalhadores participem desta discussão para que, daqui a 15 ou 20 anos, tenhamos uma maior participação. Outra questão é como o movimento sindical vai atuar dentro desta dinâmica como o novo governo de esquerda? Se verificarmos em outros países da América Latina este debate não existe. Nas perguntas do trabalho: a primeira estava muito mal formulada; a última tinha duas opções: aprova ou não aprova. Não tinha uma terceira alternativa. Outra coisa interessante é que devemos focar no desenvolvimento das novas tecnologias. Qual empresa brasileira do setor privado que é conhecida mundialmente pelas suas tecnologias? Não temos nenhuma. Empresa estatal tem a Petrobrás. Precisamos dentro deste debate abordar outras questões sobre as novas tecnologias.

Erick (Volks/São Carlos) - Vamos deixar os EUA administrar a discussão ou vamos nos manifestar? O que os grupos responderam sobre a questão do tipo de integração?

Uma integração que proporcione uma abertura para nossos produtos no mercado. Minha idéia era uma integração dos povos. Precisamos abrir essa discussão porque não tem só a discussão do comércio.

Marcos (Volks/ABC) - Passa um flash na minha cabeça: primeiro a dominação dos portugueses e agora a questão da ALCA. Por que temos que discutir a questão do Mercosul? Por que temos que aceitar a ALCA? Por que tem que ser este acordo? Será que nós não temos a capacidade para defender nossos direitos?

Sérgio (Volks/ABC) - Temos que analisar os discursos do nosso governo atual. Ele tem que levar em consideração as necessidades imediatas da sociedade. Se falarmos apenas em termos comerciais será muito superficial. O primeiro aspecto é o social.

Bauru - Temos que abordar as desigualdades deste livre comércio. Isto está ficando claro aqui. Queria sair daqui com alguns tópicos para eu levar para minha base para eles entenderem onde está o ponto de divergência e convergência. Eu conheço a minha base e

posso verificar o nível de entendimento dela em relação à ALCA. Percebo que há uma diversidade de entendimento e este entendimento precisamos afunilar. Não concordo com o Calazans (Scania/ABC) quando fala que o Brasil é um país que não é competitivo: pode ser na questão dos produtos químicos, mas não em outros produtos que eles não têm lá. Por que livre comércio se a taxa de exportação para o livre comércio é uma e a taxa para importação é outra?

Erick (Volks/São Carlos) - As falas no geral convergiram para o mesmo sentido que é o de estudar e discutir melhor o assunto. Temos que ter projetos para a nossa sociedade, organizar nossa casa para depois entrarmos nessa discussão.

Sérginho (TIE-Brasil)- A questão da soberania foi uma provocação. Temos que ser soberanos sim!. Porque que o recém nascido chora quando está com fome? Porque sabe, instintivamente, que o chora é a forma de comunicação através da qual ela faz o adulto entender que ele está com fome. Para que que a gente precisa da soberania? Para que que a gente precisa dela? Porque queremos ter o poder de decisão sobre as riquezas que temos neste país. Queremos soberania não para que se garanta a sobrevivência dela, mas sim a nossa. Queremos a soberania para construir um país, ao nosso modo, e tomar decisões dentro do país.

Claudecir (Volks/ABC) - Hoje votamos no Lula.Temos que discutir formas de ajudar estas pessoas que estão à frente do poder de decisão. A ALCA já vem com uma resposta certa, lá de fora, e temos que discutir sobre ela. As pessoas sempre esperam que outras pessoas resolvam os seus problemas e agora não.

Marcos (Volks/ABC) - Temos que sair daqui com projeto. Temos que usar este espaço para podermos aprender a projetar. Sair com um projeto de nosso interesse.

Erick (Volks/São Carlos) - Temos que colocar nosso povo para pensar. Até sobre a questão da soberania que o Sérgio (TIE-Brasil)falava. Acredito que um dos maiores desafios nossos é colocar o povo para pensar, para tomar decisões.

Sérginho (TIE-Brasil)- Será que o nosso povo sabe o que é a soberania? Quando uma pessoa decide comprar uma casa, o que ela está fazendo?

Minolfi (TIE-Brasil) - Apresenta o trabalho em grupo e coordena o processo de divisão dos participantes em em 5 grupos.

2º Dia - Sábado 12.04.2003

Apresentação dos trabalhos em grupo:

Grupo 5:

Irmão (Dana/ABC) - Porque votar contra?

Erick (Volks/São Carlos) - As pessoas do movimento sindical e social estão contrariadas em falar em votar contra.

Irmão (Dana/ABC) - Não foi discutido ao certo para falar em votar contra. Não adianta dizer não.

Minolfi (TIE-Brasil) - No RS, o plebiscito sobre a ALCA pegou para valer. Lá a realidade é diferente. O partido se impõe ao movimento sindical. O movimento social é maior que o movimento sindical.

Sérginho (TIE-Brasil)- Eu tenho a seguinte preocupação: a gente chega a conclusão que não consegue exercer pressão e, ao mesmo tempo, queremos diferente daquilo proposto pelos EUA. Logo a saída mais fácil é : se não consigo organizar eu acabo dizendo não. Não adianta nada o que foi feito no RS se os trabalhadores nas fábricas não estiverem organizados. Você faz discussão na sociedade mas não consegue mobilizar a fábrica, me parece incoerente. Como você pode garantir a sustentação de sua proposta? Não seria mais honesto da nossa parte dizer que vamos bater, porque estamos patinando?

Calazans (Scania/ABC) - Discutir em que intensidade teve a pressão. A diferença é que em algumas empresas há organização e em outras não. Temos que reconhecer que em todas as coletividades não houve, mas que na igreja e nos Sindicatos, sim. Temos que falar que nós fizemos, só que não com tantas bravuras. Temos que começar a valorizar cada ato nosso dentro de uma luta que não é simplesmente dizer não ou sim. Estava conversando com o Paulo e achamos que temos que escrever um vocabulário sobre as palavras do acordo da ALCA para as pessoas poderem entender melhor. Há um processo de grande luta em se fazer um caminho. E nós estamos construindo este caminho. Temos que fazer este debate dentro das nossas condições e capacidade de organização.

Erick (Volks/São Carlos) - Tenho a impressão que podíamos fazer muito mais do que nós fizemos.

Paulinho (Bauru)- A pergunta foi mal formulada. Estamos nos perguntando se nós conseguimos exercer o poder de pressão. Ainda não. A massa não está informada. Nós temos o Comitê contra a ALCA porque nós já conseguimos lá atrás. Nós temos poder de pressão. A pergunta é se nós conseguimos exercer o poder de pressão. Nós não conseguimos. Temos 3.000 assinaturas. Com relação aos seminários realizados no movimento sindical, nós não exercemos o poder de pressão.

Pedrinho (Ford/ABC) - Antes tínhamos que votar contra porque votar contra no plebiscito é votar contra a direita. Políticamente foi bom para nós. Só que agora estamos no governo e é diferente. Se todos os países da América estão dentro, nós também temos que estar. Temos que chamar estes países para conversar. Temos que envolver o mais rápido possível estes países.

Paixão (FEM/CUT) - Questão de ordem. Propõe que os grupos todos se apresentem para depois abrir o debate.

Grupo 1 : Paulinho, Índio, Terto (Sorocaba), Claudedir (Volks/ABC)

- 1) Não. Porque o povo não conhece o conteúdo das negociações.
- 2) Sim
- 3) Através da política econômica, social e cultural justa de integração, deixando livre a soberania de cada país.

Grupo 2: Chicão, Itanael (Bauru), José Alves, Cido e Ana Nice

- 1) Sim, porque todos os meios de comunicação: informativos, plebiscitos, mobilizações; conseguimos sensibilizar o povo brasileiro. Temos consciência que ainda falta muito trabalho para alcançarmos o entendimento profundo.
- 2) Sim
- 3) É necessário a união de todos os países da América Sul, Central, mostrando mudanças no atual sistema imposto pelo norte americano.

Itanael (Bauru) - Não concordo com o Paulo quando diz que não alcançamos o poder de pressão; porque em regime regional fizemos um bom trabalho. Envolvemos igrejas, escolas, etc. Em 7 de setembro, durante o desfile, fomos com caminhão de som lá para falar da ALCA. Nas greves históricas no ABC, o Lula tomou a decisão de tomar o movimento para si. Hoje ele é endeusado. Precisamos nos auto-descobrir. Acho um absurdo a gente dizer que porque nós não conseguimos nada vamos retardar o processo. Temos consciência que falta mais: o tempo é o desencontro da própria organização. Na 3ª pergunta todos estavam preocupados com o Brasil apenas. E a nossa resposta abrange todos os outros países. É necessário um pacto/acordo entre estes países para podermos vencer os EUA. Quando se falarem em empenho em relação ao ALCA gostaria que vocês não se menosprezassem.

Calazans (Scania/ABC) - Se olharmos aqui no Sindicato do ABC, temos um grande potencial. Temos que entender qual é o nosso papel. Estar falando de ALCA entre 4 paredes é muito bonito, é muito salutar; só que ficar falando entre 4 paredes não terá entusiasmos. Temos que colocar o bloco na rua. Temos que começar pensar a ALCA neste sentido e já sair deste seminário com alguma coisa detalhada. Pensar o nosso papel como ator social é muito importante. Temos que pensar em questão de estratégia e tática traçar nossos objetivos e focar o ALCA.

Paulinho (Bauru)- Questão de 4 paredes: se na maioria dos nossos companheiros não tem o conceito da ALCA temos que centrar o debate para que o mesmo realmente chegue até os Trabalhadores no chão-de-fabrica. Nós temos uma boa organização. Conseguimos em cima da ALCA fazer o debate; conseguimos com que as pessoas enxerguem o que é a ALCA. É só pegarmos as perguntas e irmos para a rua. Os Metalúrgicos, junto com o TIE, começam a se organizar. Acredito que não é só a área metalúrgica. Temos poder de organização. Só temos que saber o que queremos. Tem que ser em quatro paredes para começarmos a construir.

Forró - Concordo que nós temos poder de pressão. Já conseguimos mudar muita coisa com pressão. O Plebiscito foi um tipo de pressão. Os metalúrgicos ajudaram bastante. Temos o processo eleitoral onde a questão da ALCA ficou mais esquecida. A direita está esperando qual é a resposta que vamos dar daqui pra frente. Nós não estamos parados, estamos aqui buscando um entendimento para poder dar uma resposta. Se é sim é para discutir e não para aceitar a imposição. A sociedade fica esperando qual é a linha.

Marcos (Volks/ABC) - Temos que começar a pensar na política de multiplicadores. Não são 3.000 pessoas; são 3.000 multiplicadores. Se nos inserirmos na ALCA, temos que pensar na situação do sindicato porque não conseguiremos vender os produtos automobilísticos. Os EUA estão acostumados a impor as suas idéias. Por isso que defendo a criação do Comitê com 33 países para poder se contrapor à política dos EUA.

Erick (Volks/São Carlos) - A capacidade de mobilização é enorme. É questão de colocar na nossa pauta de reivindicação a questão da ALCA. Temos capacidade mobilizar para assembleia. Será que nós não estamos dando importância para a ALCA? Quando é que a ALCA será assunto do dia no nosso sindicato? Temos uma porção de instrumentos para fazer a nossa discussão.

Itanael (Bauru) - Pelo número de reuniões que já foram feitas já era para saber o que nós queremos. Já sabemos os pontos que tem que ser melhorados para podermos começar a pensar na ALCA. A partir dos próximos debates, temos que começar a pensar metas de mudanças do processo. Estas mudanças têm que ser uniformes.

Já era para sabermos qual a vantagens e qual as desvantagens. Já era para estar no nosso conceito de mudança. Uma coisa que pode melhorar é o movimento dos meios de

comunicação porque o povo que trabalha não tem muito acesso à leitura. Até os sindicalistas de base estão se sujeitando a fazer horas extras. Nós temos feito o papel de sindicalista de defensor de mudança para a ALCA? O primeiro ponto de impacto é se temos ciência que tem que haver mudança. O Lula foi à televisão e deixou claro que não era contra a ALCA. Nestes momentos, os mais radicais, que diziam não, começaram a pensar melhor. Nós somos eleitos pela nossa base para defendê-la. Os Trabalhadores querem que sejamos escudos deles e fomos eleitos para isso. Quando falarmos sobre a ALCA temos que mostrar as diferenças.

Irmão (Dana) - Nós temos potencial para correr atrás. Estamos um pouco atrasados, mas ainda há tempo. Enquanto há vida, há esperança. Temos que chamar os países envolvidos, tirar um consenso e partir para a briga.

Foram muito importantes os trabalhos em grupo: temos que chamar outros países para o debate. Primeiro eles tem que fazer a discussão nos países deles como estamos fazendo aqui e depois nos reunir.

Minolfi (TIE-Brasil) - No movimento sindical somos doidos, tarados, para terceirizar a ação. Então chamamos a mídia, o TIE, etc. para fazerem as coisas para gente. As nossas atividades têm o poder de construção coletiva, diferente do que se faz na educação formal, que é, no fundo, uma política de exclusão.

Aparecido - Temos que pegar a semente aqui e jogar na sociedade. Há gente que não acredita que as coisas podem mudar.

Marcos (Volks/ABC) - Quando é colocada uma proposta na fábrica, ela volta, é trabalhada e reapresentada. Temos que fazer isto na sociedade. Se diz que não temos que discutir. Temos que reformular as propostas e reapresentá-las.

Sérginho (TIE-Brasil)- O que o Mauricio falou sobre a terceirização no movimento sindical é um complicador. Ficamos sempre esperando a palavra de um especialista. Uma das tarefas de casa é: a gente mesmo preparar em casa uma relação das vantagens e desvantagens sobre a ALCA e a partir disto elaborar o próprio discurso.

Tarefa de Casa - Definir as vantagens e desvantagens da ALCA - para os trabalhadores do Brasil e para o Continente.

Não importa a forma que escreve; o importante é resgatar o que sabemos e o que não sabemos teremos que buscar, pesquisar.

Lista de oferta - temos que mostrar que não queremos que a discussão se passe no âmbito comercial.

Produtos com valor agregados - são os que têm mais valor, em geral produtos industriais e/ou tecnológicos. Os que têm menos valor são os produtos agrícolas (dentro da lógica do capitalismo).

Dentro dos nossos valores (ser humano) o que é mais importante? É o carro ou é a comida?

Temos que fazer esta discussão no centro da ALCA. Brasil e Argentina juntos sustentam a China. O carro não consegue sobreviver sem a gente e a gente não consegue viver sem a comida. Vamos trabalhar neste sentido. Inverter as questões dos valores. Hoje estamos cooptados pelo sistema e todo mundo quer ter seu carrinho.

Sobre a capacidade de mobilização "a priori" nós a temos. Não podemos esquecer que capacidade de mobilização nós temos porque conseguimos eleger o Lula, mas não podemos deixar de esquecer que por 2 vezes nós tentamos e não conseguimos. Só conseguimos na 3ª vez. Por que? Porque em duas oportunidades não estávamos mobilizados o suficiente para eleger o Lula. Capacidade nós temos, mas temos que estar mobilizados.

Ser exigente consigo mesmo, ser honesto com os princípios e ter consciência são valores principais que deveríamos ter.

Quando fazemos a autocrítica e falamos que não estamos fazendo é porque queremos fazer muito mais.

Já fizemos bastante coisa: a um tempo atrás tivemos a percepção que deveríamos discutir a ALCA, a nove meses atrás começamos a discutir o que é a ALCA e hoje nós já sabemos o que queremos com a ALCA. Os trabalhos de casa vão nos ajudar a avançar.

Estamos a passos largos na discussão mas ainda estamos aquém daquilo que deveríamos estar.

O que está favorecendo é que a gente está conseguindo manter o eixo do seminário.

Simulação

Oito companheiros foram escolhidos para participar da simulação de negociação.

A distribuição desses companheiros foi a seguinte:

2 Brasileiros (Fabinho e Forró),

1 Argentino (Pedrinho),

1 Chileno (Fernando),

1 Uruguaio (Rose),

1 Norte Americano (Marcos),

1 Canadense (Paulinho)

1 Mexicano (Jacaré).

Os mexicanos são a favor da Nafta e contra a ALCA

Os chilenos querem um acordo bilateral direto com os EUA

Comitê de negociação - a bancada brasileira vai ter que montar uma estratégia para defender a retirada da confidencialidade das listas de ofertas.

A simulação foi filmada em vídeo para ser analisada posteriormente, análise esta feita pelos próprios participantes.

Período da tarde

Sérginho (TIE-Brasil) - Apresentou o Conselheiro *Antonio José Ferreira Simões*, assessor para assuntos econômicos no Gabinete do Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores. Foi Coordenador-Geral das Negociações da Área de Livre Comércio das Américas, no Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil. Trabalhou na Divisão de Política Comercial do MRE (1983-86) e atuou como negociador agrícola do Brasil na Rodada Uruguaia. Ocupou diversas funções no Ministério das Relações Exteriores, dentre as quais a de assessor do Subsecretário-Geral de Planejamento Político e Econômico. Foi membro da delegação brasileira ao Conselho de Segurança na ONU (1998-1999). Assumiu, em fevereiro de 1999, a função de Chefe do Núcleo de Coordenação da Área de Livre Comércio das Américas (NALCA) do MRE, tendo sido nomeado Coordenador-Geral das Negociações da ALCA em outubro de 2001, cargo que exerceu até dezembro de 2002.

Sérginho (TIE-Brasil) comentou que os companheiros que estão participando deste curso de formação têm como tarefa de casa fazer um levantamento das vantagens e desvantagens da ALCA para América e para o Brasil.

Após esta breve explicação passou a palavra ao Conselheiro Simões.

Simões (MRE-Brasil) - Queria primeiro agradecer o convite para vir aqui no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC que é um lugar que faz parte da história deste país. Algo importante que aconteceu no nosso país nos últimos anos é o crescimento das organizações sociais. É importantes para o desenvolvimento da nação, é importante para o futuro.

O fato de estarmos conversando sobre ALCA, sobre guerra do Iraque é extremamente importante porque todos estes temas têm muito a ver conosco. Se vocês não adquirirem grau de consciência sobre negociação da ALCA não terão um grau suficiente de intervenção.

Nossa missão aqui é falar não só a negociação da ALCA, mas também da guerra do Iraque e o que uma coisa tem a ver com a outra.

Temos que pensar que nós elegemos um governo com uma preocupação muito grande com as pessoas. Em seus diversos discursos, o presidente Lula tem falando da preocupação humanística. No campo da política externa temos 2 lados: o lado político - da paz (e a questão do Iraque é muito importante porque a diplomacia tem que garantir a paz para o desenvolvimento do povo) e o lado comercial - mostra que para o nosso país melhorar as condições das pessoas ele precisa ter condições de vender seus produtos lá fora.

A negociação da ALCA é importante, pois 40% das exportações brasileiras vão para área da ALCA, 70% dos manufaturados vão para área da futura ALCA. Portanto, esta é uma negociação chave para a vida de vocês. Outro ponto importante para ter em mente é que falamos de muitas negociações comerciais: Mercosul, União Européia, NAFTA, OMC, etc. Uma das primeiras perguntas que a gente deve fazer é porque tem tanta negociação ao mesmo tempo? Tem porque a 100 anos atrás o Barão do Rio Branco fechou as fronteiras brasileiras e o que nós estamos fazendo é redefinir os espaços em 3 níveis de negociações:

- global - negociações mundiais e comerciais;
- regionais - ALCA, envolvendo todos os países de hemisfério;
- negociações de nível sub-regionais - Mercosul e a Comunidade Andina

Por que tem em 3 níveis? Porque em cada nível destes, nós temos cada vez mais um grau de complexidade maior, ou seja, aumento de compromissos que envolvem a vida das pessoas.

Sobre estas negociações podemos dizer:

ALCA: A idéia é fazer uma área de livre comércio em todas as Américas, isto é, espaço econômico entre os países envolvidos que adotem tarifa zero sobre as importações;

ALCA implica compromissos pesados em diversas áreas e o pacote negociado até o momento envolve temas bastantes distintos:

- **acesso ao mercado de bens:** levar tarifas a zero. Não tem tarifa, mas estabelece regras que são negociadas na ALCA e vão ter implicações no nível de emprego no Brasil
- **área normativa:** propriedade intelectual, defesa da concorrência, etc. Estabelecimento do Jogo em diversas áreas: questão dos monopólios, etc. Esta discussão é de caráter muito amplo porque de acordo com as regras vão estabelecer normas para o Brasil. Nestas negociações temos de tomar cuidado o com a aceitação das regras.

A diferença básica entre a negociação da ALCA, do Mercosul ou a União Européia é o componente político e social das negociações.

No Mercosul predominam os componentes comercial e político, já na ALCA não tem os componentes social e político, apenas o comercial. Isto faz com que haja grande desafio para países como o Brasil porque teremos que competir com economia americana com regras exclusivamente econômicas.

A negociação da ALCA envolve um aspecto importante: o componente ideológico. Há que muitas pessoas rejeitam de cara a negociação da ALCA porque se trata de uma iniciativa dos EUA.

Já no caso de uma negociação com a União Européia as posições contrárias não são tão evidentes e/ou contundentes. Seria um equívoco achar que a ALCA é ruim e o acordo da União Européia é bom, pois nas negociações com a UE os europeus têm a mesma posição dos EUA, priorizando o acordo comercial.

É preciso ter em consideração os aspectos da participação da sociedade civil. Temos que levar em consideração os grupos organizados em movimentos sociais. Um

compromisso que nós precisamos desenvolver é sobre o papel da sociedade, não como um simples elemento de contestação; mas um parceiro no processo negocial. Temos que fazer uma negociação em favor do povo brasileiro. Temos que pensar no longo prazo, trabalhar para o povo brasileiro.

Para aprofundar este tipo de caráter não basta apenas a vontade do governo, é preciso que a sociedade saiba participar. É muito importante a lição de vocês sobre participação.

Qual a lição de participação que tiramos daqui? A união entre mobilização e informação ou a busca de conhecimento e também de elementos técnicos para embasar e consolidar a opinião de vocês e, com isto, subsidiar as negociações. A vossa influência no processo negociador vai ser maior caso possam se organizar entre vocês para trabalhar suas estratégias nas negociações. Existe a intenção do governo de envolver a sociedade na negociação.

Com a organização dos trabalhadores eu sinto que a intervenção da sociedade vai ser muito melhor.

Negociação da ALCA: como chegamos e para onde iremos?

Proponho que façamos aqui uma retrospectiva do processo de negociação que começou em 1994.

De **1994 a 1998**: discussão do quando e o como da negociação

De **1998 e 2002**: redação das 2 primeiras versões do acordo da ALCA

De **2002 a 2005**: negociações de acesso a mercado. Cada país faz sua oferta, vê a dos outros, faz pedido de melhora.

Brasil fez ofertas de bens agrícolas e não agrícolas. Na negociação o Brasil não trabalha sozinho, trabalha como Mercosul. Na área de Investimentos não fizemos oferta; só a faremos quando tivermos noção muito clara que não estaremos prejudicando o futuro do nosso país.

A fase atual será o núcleo duro das negociações e terá início efetivo em julho/2003.

Hoje existe uma pressão muito maior por parte da população. Tanto é que na Reunião do Comitê de Negociações Comerciais da ALCA realizada em Puebla, México, nesta semana, foram tomadas muitas decisões importantes para a sociedade. O Mercosul apresentou proposta de maior participação da sociedade civil. Com isto os negociadores da ALCA vão ter que vir conversar com a sociedade civil. O documento com estas decisões vocês poderão encontrar no site oficial da ALCA através do seguinte endereço:

www.ftaa-alca.org/TNC22

Questão do Iraque

A guerra do Iraque foi uma guerra que não teve aval da comunidade internacional. Os EUA tentaram e não conseguiram resolução da ONU porque a França vetava a resolução e, mesmo se isso não ocorresse, os EUA não dispunham dos 9 votos no Conselho de Segurança. Uma clara demonstração da posição da sociedade contra o conflito.

Também devemos notar que há uma série de problemas que não terminam com o fim do conflito.

O Brasil tomou uma posição muito clara contra o conflito expressa em uma carta do presidente Lula ao Secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, e ao Papa João Paulo II. Se posicionou contra porque achamos equivocado o uso da força sem terem sido esgotadas todas as formas possíveis de negociação e também porque nunca fomos a favor das guerras. Defendemos a paz e para isto é preciso que tenhamos espaços para tomada de decisões democráticas, através de processo de negociação onde todas as questões-chaves devem ser discutidas.

Tanto na negociação da ALCA quanto no Iraque um elemento importante é a busca da democracia. Esta é a realidade da política externa do presidente Lula e é dessa forma que nós do Itamaraty estamos trabalhando. Obrigado.

Debate

Adi (FEM-CUT) - O acordo da União Européia levou um tempo para ser consolidado. Você acha que este tempo que está sendo para a ALCA é consistente?

Simões (MRE/Brasil) - Acho que é muito pouco tempo sim. Dentro do Mercosul a Argentina era favorável que a ALCA terminasse em 2000. O compromisso ao qual chegamos era que terminasse em 2005. É pouco tempo para o povo brasileiro.

Acho que temos que tentar mais prazo, mas de nada adianta ter mais tempo se internamente não estamos preparados para esta discussão. E não estou falando somente do o governo, mas da preparação de toda a sociedade civil. As decisões de investimentos nas companhias internacionais vão ter impacto nos níveis de emprego da população. Precisamos trabalhar internamente.

Francisco - O que dá para entender é que o Mercosul está na UTI e que não conseguimos chegar a um acordo. Como chegar a um acordo quando sabemos que com os EUA não conseguimos chegar a acordo nenhum. Se o Brasil não entra na ALCA não haverá ALCA, porque o Brasil não se retira?

Simões (MRE/Brasil) - O Brasil não se retira da negociação da ALCA porque dentro desta negociação o peso do Brasil é muito grande.

A situação que você colocou sobre o Mercosul se dá porque muitos países da região não estão interessado nem sequer no formato do acordo, o que eles querem é assinar. São pequenos países da região, com PIB menor que muitas cidades brasileiras, muitos deles tem 3 produtos, por exemplo... O Uruguai mesmo está interessado em vender carne!

Nossa dificuldade na negociação é muito grande porque diversos países pequenos querem o acordo. Como mudar a situação? Se nós sairmos da negociação eles vão lá e assinam. Se participamos da mesma podemos levantar pontos, propor idéias, reivindicar determinadas regras e ganhar aliados.

Vamos alguns exemplos: o Uruguai está interessado em abrir 2000 açougues no EUA. Por que não deixar o Uruguai abrir estes açougues aqui no Brasil? O Equador vende banana e chapéu de palha e os nossos produtores temem a concorrência da banana equatoriana caso o acordo seja assinado. Mas nós podemos resolver estes problemas já que a nossa produção de bananas é muito grande, mas praticamente não se exporta nada. Podemos fazer um acordo com o Equador, por que não?. Estamos trabalhando no sentido de ganhar e de reforçar aliados.

É importante daqui para frente que o tipo de consciência dos brasileiros se exprima. Se não quer a negociação tem que se expressar porque nós, na condição de negociadores, não queremos fazer nada contrário daquilo que o povo queira.

Um companheiro da platéia que não se identificou - Acho que tínhamos primeiro que arrumar a casa. Acertamos o Mercosul para depois discutir a ALCA. Porque levar a carta para o Papa? Foi com ele que começou a "guerra" no Leste Europeu.

Simões (MRE/Brasil) - O seu comentário expressa aquilo que em política externa chamamos de "círculo consensus": Definimos uma estratégia e a partir daí vamos superando as diversas etapas partindo daquilo que nos é mais próximo. Por exemplo: quando caiu o muro de Berlin e logo depois acabou a União Soviética nós do Itamaraty começamos a pensar como ver o novo mundo que ali se desenhava e bolamos uma estratégia:

- arrumar a casa;

- consolidar a América do Sul;
- e a partir daí iniciar as negociações com outros países e/ou blocos econômicos.

É claro que ocorreram outros fatos e diversos outros elementos foram introduzidos no debate que acabaram por atrapalhar nossa estratégia inicial. O começo das negociações da ALCA em 1994 foi um destes elementos. Hoje somos obrigados a levar as 3 grandes negociações ao mesmo tempo em que temos que arrumar a casa consolidar a América do Sul e negociar com outros blocos econômicos... É complicado.

Os maiores problemas que enfrentamos tem mais a ver com os problemas internos brasileiros que com a negociação da ALCA propriamente dita. Como entrar na ALCA sem uma reforma tributária no Brasil? É culpa da ALCA? Não! Temos uma política de exclusão na sociedade brasileira; temos falta de competitividade dos produtos, nos portos, desemprego, etc. Temos que trabalhar para resolver isto. A ALCA é um problema sério, mas se ela deixasse de existir não iríamos resolver nossos problemas...

Levamos a carta ao Papa por uma razão muito clara: Na questão da Guerra do Iraque o papa adotou uma atitude firme e corajosa: o governo da Itália foi favorável a guerra e ele foi contra a guerra. A entrega da carta não é uma questão religiosa: ele é religioso e um líder político. E em seu papel político estava trabalhando em favor da paz.

Erick (Volks/São Carlos) - Sobre a exclusão de Cuba nas negociações, qual a posição do Brasil em relação a isto?

Simões (MRE/Brasil) - O Brasil sempre foi contra o embargo. Em relação a questão nunca tivemos nenhum problema em ter Cuba com a gente. A situação de Cuba, porém, é complexa porque junto com o embargo tem toda uma discussão sobre a democracia, questões de respeito aos direitos humanos e uma série de organizações que têm dificuldades de atuar em Cuba. Acreditamos que se Cuba participasse das negociações ficaria mais fácil para resolver os seus problemas internos.

Sérginho (TIE-Brasil) - O que você falou, em linhas gerais, foi um bálsamo para nosso curso, pois demonstra que há uma certa sintonia entre aquilo que estamos elaborando aqui na base e o que Itamarati está pensando.

Gostaria agora de discutir a questão do planejamento estratégico: - Qual seria o plano estratégico que o EUA tem para a América Latina e qual seria o nosso?

Os companheiros uma pesquisa na fábrica que demonstrou que mais de 80% dos trabalhadores se posicionou contra a ALCA do jeito que está. Por outro lado temos companheiros que dizem não a ALCA, mas defendem um acordo com União Européia.

Esta confusão que existe entre a União Européia e a ALCA não seria porque o primeiro processo de negociação passou por várias etapas, teve tempo para isso e na ALCA enfrentamos os EUA em curtíssimo espaço de tempo?

Qual é a concepção de sociedade com a qual o Itamarati está trabalhando hoje ou está trabalhando de uns tempos para cá? Que tipo de emprego e que tipo de relações sociais o Itamarati está vislumbrando?

Simões (MRE/Brasil) - Diferenças entre os processos de negociação da ALCA e da União Européia:

Processo Mercosul - União Européia: não é uma questão de ter levado mais tempo. É questão ideológica. Acho que temos que discutir um pouco mais o acordo com a União Européia. Agora não posso achar que só por ser europeu eles são bonzinhos e os outros, por serem americanos não o são.

O problema é que quando se fala de negociação de um acordo com os americanos as pessoas se retraem. Ainda mais agora por conta do Iraque é pior ainda.

Existem vários equívocos em relação a ALCA. As pessoas dizem que o Brasil será invadido por produtos norte-americanos. Não é verdade porque os eles não produzem produtos eletrônicos e têxteis, por exemplo. O que é um grande risco é na área de serviços.

Se discute na ALCA, por exemplo, a possibilidade de fechar um contrato de seguro de um carro brasileiro no Texas, por computador, via Internet, sem que a empresa seguradora venha para o Brasil, pague impostos e gere empregos aqui.

O risco da ALCA é aumentar o nível de vida do trabalhador brasileiro porque os norte-americanos estão preocupados com o nível dos produtos consumidos lá e tentarão padronizar tudo de acordo com este standart.

Há ainda o risco das empresas maquiladoras que geram empregos em plantas que simplesmente montam peças provenientes de outros países, não detendo controle tecnológico do processo e gerando empregos de baixa qualidade.

O que deve ser determinante nesse processo é a visão que o país tem do todo. O Brasil tem que definir sua posição neste todo e esta definição vai pesar na tomada das demais decisões.

Nós, do Itamaraty, estamos pensando sempre em longo prazo. O PT também sempre pensou o país em longo prazo e não em uma coisa de momento.

Outro companheiro da platéia que não se identificou - O economista Celso Furtado diz que não existe ALCA boa, porque é uma renúncia de soberania. O povo acha que a ALCA não é boa. Como usar todos estes argumentos sem o povo saber o que é a ALCA?

O povo votou no Lula porque tomou porrada. Como fazer o povo ganhar consciência de que a ALCA não é boa mas pode vir a ser boa? Talvez pela educação, pela divulgação, pelo debate?

Simões (MRE/Brasil) - O fundamental é ter muita discussão. No início de minha carreira servi em Genebra, na Suíça. Lembro-me que, sozinho, tomava muitas decisões que determinaram o que seria a agricultura brasileira. E lembro-me que meu poder de intervenção era muito menor do que eu tenho hoje.

Veja como as coisas mudaram. Em relação a ALCA nós nem assinamos o acordo e temos o conhecimento dos riscos. Temos que levar esta discussão para dentro da fábrica - para os trabalhadores e para diretoria. O grande momento é este, o da discussão.

Peguemos a diferença de posições entre os governos do Canadá e México em relação à NAFTA. O Canadá promoveu um debate muito forte na sociedade para saber se assinaria o acordo ou não. Vale lembrar que 80% da população canadense vive numa faixa de a 100km ao longo da fronteira com os EUA. Havia um medo enorme de uma invasão dos estadunidenses. Enfim, fizeram o debate interno aberto e acabaram por aderir ao acordo. Já no México não houve debate. O governo decidiu tudo sozinho e até hoje há um trauma em relação a isto; mesmo o NAFTA ajudando no processo de democratização do país.

No caso do Brasil acho que temos que ter este debate.

Sérginho (TIE-Brasil) - Devido ao horário avançado propõe que três ou quatro companheiros façam suas perguntas de uma só vez e o conselheiro Simões responda em blocos, pois é possível que muitas das perguntas estejam relacionadas uma com as outras.

Almir - Até onde o Brasil perde e até onde ganha em relação à ALCA, levando em consideração nosso governo e as questões agrícolas?

Terto (Sorocaba) - Em relação ao Mercosul, já tem data para assinatura do acordo da ALCA? Existe consenso de pensamento dentro da equipe que está discutindo a ALCA? Dentro de uma estratégia antes da assinatura da ALCA, não seria importante fortalecer o Mercosul?

Itanael (Bauru) - Na mídia a discussão sobre a ALCA está há muito pouco tempo. É contraditório quando você diz que não se tomará nenhuma decisão sem levar em

consideração o povo brasileiro. Para que isto? Só para falar que é liberal? Onde estão as dificuldades?

Calazans (Scania/ABC) - Como estão nossas regiões? Como está se dando a discussão nos nossos estados? Vocês negociadores tem um perfil em termos de Brasil? Quem está negociando?

Simões (MRE/Brasil) - Temos que ver o Brasil como um todo. Ceará é favorável, Pará também é, mas por conta de interesses locais. Nós temos que tomar decisões que levem em consideração o país como um todo e não somente os interesses locais.

Em relação ao acordo comercial ou você tem um acordo que pode melhorar as condições de vida das pessoas ou não se faz o acordo. Temos que fechar acordo para o país. Não se trata de querer convencer ninguém. Se negocia porque temos um entendimento claro daquilo que queremos proteger. Como negociadores vocês, sabem que não podemos negociar contra os trabalhadores e sim de acordo com o mandato que eles nos dão.

Nós do Itamaraty temos uma posição sobre a ALCA. Cada área de governo tem uma preocupação com o seu lado específico. Ministério da Agricultura - agricultura familiar; da Fazenda - arrecadação de impostos e moeda, etc. A preocupação do Itamaraty é agregadora, ou seja, juntando as demandas específicas e defendendo aquilo que é de interesse do país.

Até onde o Brasil ganha ou perde - é uma resposta muito difícil.

Os investimentos feitos pelas montadoras estão sendo feitos pensando na ALCA. O Fiesta produzido na Bahia é feito para exportar para os países da ALCA. Não há hoje no Brasil compradores suficientes para todos os Corsas, Polos, Fiestas, Pálios, EcoSport, etc que somos capazes de produzir, ou seja, a capacidade produtiva instalada no Brasil visa atender a demanda de um mercado único no âmbito da ALCA.

Onde podemos perder? Podemos perder a capacidade de regulação de nosso mercado em alguns setores importantes, como por exemplo compras governamentais.

A idéia do Itamaraty e do Governo é exatamente fortalecer o Mercosul. Porém, para que isto acontece temos que conscientizar a sociedade brasileira de que, sendo o Brasil o maior país da América Latina, não podemos nos fechar e proibir a entrada de produtos de outros países. Produtos que para estes países é estratégico não causa nem cócegas nos produtores brasileiros, ao contrário só ajudariam a suprir deficiências de nosso mercado interno. As vezes não deixamos produtos de outros países entrar no Brasil e acabamos por criar um sentimento ruim por parte destes países em relação ao Brasil na negociação da ALCA.

O acordo do Mercosul foi negociado em segredo. A ALCA não está sendo negociada em segredo. Agora eu acho que a transparência tem que ser maior. O problema da negociação da ALCA é que não basta negociar, temos que ter um conhecimento técnico. Sempre fomos a favor de fazermos uma discussão clara da ALCA.

O empresariado brasileiro era contra a negociação da ALCA. Hoje inverteu sua posição. Boa parte deles é favorável. Acho que muito deles não sabem o que é a ALCA. Os trabalhadores sabem mais. Dentro do empresariado tem setores que querem a ALCA amanhã e tem setores que não querem a ALCA nunca. O grande problema da ALCA é o desconhecimento.

Minolfi (TIE-Brasil) - Achei interessante a questão do exemplo que ocorre nos grupos de pressão. A gente acha que com a vitória do Lula o papel do governo é abrir espaço para sociedade se organizar. Acho que nesta discussão da ALCA não podemos esperar que o governo Lula vá resolver tudo sozinho. Como se dá a dinâmica com a equipe negociadora em relação às mudanças de governo? Como se dá a convivência com a negociação - ganhar e perder?

Paulinho (Bauru)- O que está se pensando em termos de legislação trabalhista e sindical com estes países envolvidos na ALCA?

Pedrinho (Ford/ABC) - Na implantação da ALCA temos o risco da Embraer ser engolida pelo Canadá? Os acordos realizados com o FMI têm alguma meta para a ALCA?

Nilson (DamilerChrysler/ABC) - Em relação a transparência, é verdadeira?

Calazans (Scania/ABC) - Nós no chão-de-fábrica temos uma visão comum contrária a ALCA. Em termos políticos, o que é a ALCA? Na questão técnica, o que temos para formular o debate?

Simões (MRE/Brasil) - As mudanças de governo não são coisa de outro mundo. As mudanças de FHC para Lula não estão relacionadas às negociações e sim ao tipo de sociedade que você quer chegar, qual é o resultado? O governo de Lula não está somente preocupado em manter as contas, mas sim está preocupado com a sociedade. Melhorar o padrão e o nível de vida. Em termos de negociação, para nós negociadores, aparece outro tipo de preocupação atender as demandas do país.

O Itamarati tem que estar mais próximo da população. Enquanto instituição o Itamaraty só se manterá se conseguir espelhar o que a sociedade está sentindo.

Sobre a Legislação trabalhista e sindical: os americanos querem inserir cláusulas ambientais e trabalhistas nas negociações da ALCA. Isso poderia até causar intervenção nas empresas que não cumprissem acordo.

A gente não sabe o que vai acontecer em relação a legislação trabalhista. A legislação americana é muito mais fraca que a brasileira. O objetivo é fazer uma observância maior neste sentido.

A Embraer é um bom exemplo de como se descobre um nicho de mercado brasileiro.

Desconheço que haja alguma vinculação de acordo da ALCA com as metas do FMI. Nunca sofri pressão relacionada com isso.

Transparência com a sociedade: pode ter mais transparência. Tem organização envolvida na divulgação Deveria ter um envolvimento maior da CUT. Sinto que não tem muita gente trabalhando a questão da ALCA junto à sociedade. A CUT deveria ter 1 ou 2 pessoas trabalhando nisto.

Pensamento político e econômico: Em relação a ALCA é obvio que os EUA ganham porque sua economia é maior. Temos que, em termos de Brasil, atuar com muita determinação. Temos que ter uma ligação muito grande com a CUT. Kjeld e Silvia Portela participavam das discussões. Sabemos que os sindicatos podem pressionar a CUT a participar das discussões.

Assim como os sindicatos, anos atrás, tiveram a visão que deveriam ter formação em negociação coletiva para ganhar a negociação salarial, devem investir agora no tema da ALCA. Eu digo que o discurso funciona até um certo momento, mas não ganha o jogo. Temos que pensar num pequeno corpo técnico. A CUT poderia ter pelo menos 2 pessoas para ir a Brasília e participar das discussões.

Só para terminar gostaria de agradecer muito o convite. Me dá muita satisfação fazer isto porque temos que desmistificar este assunto. No governo Lula temos que parar de achar que o governo está de um lado e os trabalhadores do outro. O meu salário é pago por vocês. Temos que ter consciência de que temos trabalhar juntos.

Agradeço ao Sergio Bertoni, ao Sindicato e à Federação e reafirmo que estamos sempre de portas abertas para conversar.

Adi (FEM-CUT) – Em nome da Federação gostaria de agradecer pela exposição e constatar que a cada seminário que fazemos sabemos mais para onde estamos caminhando com este tema. Se olharmos o primeiro debate, onde estava expondo o Embaixador Clodoaldo, se fizermos o histórico, podemos verificar onde queremos chegar. É importante ir lendo os textos. Tem pessoas dentro da CUT que tem a visão que deveríamos nos preparar

para ir para mesa de negociação e outros acham que não devemos ir. Nós do Sindicato sabemos o que é uma negociação. O resultado depende de estarmos preparados ou não. Nós temos uma escola neste sindicato que é a capacitação da sua militância para negociar. Nós da Federação temos que nos preparar para enfrentar qualquer debate. Em 1985 por Sarney e Alfonsin assinaram um protocolo em segredo e quando a sociedade percebeu o Mercosul já estava em andamento. Aí veio o Collor e deu encaminhamento. Só depois de muita luta, os Trabalhadores ganharam o direito de participar das discussões sem direito a voto. Negociar um tema como este é como negociar condições de trabalho que é uma coisa que mobiliza muito. TIE e Federação vão continuar com esta preocupação de trazer alguém do governo para nos passar as informações. Me parece que a cada seminário a gente ganha um pouco mais e no final poderemos formular claramente o que queremos.

Tarefa de Casa

Definir vantagens e desvantagens da ALCA - para os trabalhadores do Brasil e para o Continente.

Seguir fazendo seminários na fábrica, nos bairros, na região para reproduzir os debates

TIE enviará lista. Favor tirar fotos.

O próximo seminário ocorrerá nos dias 04 e 05/07 em Taubaté, estado de São Paulo.

Nome	Fábrica / Organização	Idade	Grau de Instrução
Pedro David Paulino	Sistema Único de Representação Ford	44	2º. Grau
Edison Pereira	Sindicato dos Metalúrgicos do ABC	38	2º. Grau
Ana Nice Carvalho	Comitê Sindical – Panex	29	2º. Grau
Erick P. Silva	Oposição Sindical – São Carlos	26	3º. Grau Incompleto
Antônio Sérgio Vereínio	Volkswagen do Brasil	40	2º. Grau
Luiz Fernando de Assis	Polzer System Taubaté	32	2o. Grau Incompleto
Claudecir S. Lemos	Comissão de Fábrica Volkswagen do Brasil	41	2º. Grau
José Jacintho	Confab Industrial	45	3º. Grau Incompleto
Rosimar Machado	Makita – Metalúrgicos do ABC – FEM/SP/CUT	42	3º. Grau Incompleto
Adi dos Santos Lima	FEM/SP/CUT	47	3º. Grau
Sérgio Luis Bertoni	TIE-Brasil	37	Pós-Graduação
Ademilson Terto Silva	Luk do Brasil / Metalúrgicos de Sorocaba	36	1º. Grau

Fábio Roberto Martins	Volkswagen do Brasil – Metalúrgicos do ABC	22	3º. Grau Incompleto
Daniel Bispo Calazans	Scania / Sistema Único de Representação / Comitê Sindical de Empresa	38	3º. Grau Incompleto
Paulo Aparecido Silva Cayres	Ford / Comitê Sindical de Empresa	38	3º. Grau Incompleto
Danielle Alves de Paiva	DaimlerChrysler / Trabalhador de Base	20	2º. Grau
Aparecido Duarte	Magel / Metalúrgicos de Salto	45	3º. Grau Incompleto
José Alves de Oliveira	Papaiz / Diadema / Metalúrgicos do ABC	41	1º. Grau
Antenor de Souza	Dana Nakata / Metalúrgicos do ABC	38	1º. Grau
Fábio Roberto Martins	Volkswagen do Brasil / Metalúrgicos do ABC	22	3º. Grau Incompleto
Francisco Macedo	FEM/CUT/SP	48	2º. Grau
José Nilton dos Santos	Mahle / Metalúrgicos do ABC	49	2º. Grau
Marcos Roberto da Silva	Volkswagen do Brasil / Metalúrgicos do ABC	29	2º. Grau
Itanael Paulo	Baterias Tudor / Metalúrgicos de Bauru	41	2º. Grau
Paulo Vieira Sima	Metalúrgicos de Bauru	36	2º. Grau
Vagner Batista da Silva	Ford / Metalúrgicos do ABC	38	2º. Grau
Valmir	DaimlerChrysler / Metalúrgicos do ABC	39	3º. Grau
Daniel do Amaral		16	2º. Grau
Nilson Bosculo	DaimlerChrysler / Metalúrgicos do ABC	20	2º. Grau
Eduardo S. Barros		21	2º. Grau
Francisco Rodrigues	Prefeitura de Diadema	44	2º. Grau
Gilberto Souza	DaimlerChrysler / Metalúrgicos do ABC	40	1º. Grau
José Roberto Figueroa	Volkswagen do Brasil / Metalúrgicos do ABC	49	3º. Grau
Manoel S. Filho	Autometal / Metalúrgicos do ABC	48	2º. Grau
Severa Moraes	Assessora Parlamentar	53	2º. Grau